



ASSOCIAÇÃO EDUCATIVA E CULTURAL DE CAMAÇARI
FAMEC Faculdade Metropolitana de Camaçari

Autorizada a funcionar pela Portaria Ministerial nº 231/98 publicada no Diário Oficial da União em 27/04/98.

A AFETIVIDADE NO PROCESSO DE ENSINO-APRENDIZAGEM DE CRIANÇAS PEQUENAS: estado da arte

Adrielle de Jesus Santos

Graduanda em Pedagogia, pela Faculdade Metropolitana de Camaçari
adriellesantos902@gmail.com

Cláudia Bailão Opa

Orientadora – Professora da Faculdade Metropolitana de Camaçari
claudiaopa79@gmail.com

RESUMO

Falar, andar, comer, brincar são etapas do desenvolvimento infantil muito aguardadas pelos adultos, no entanto, muitas vezes esquecemos que antes dessas aprendizagens, as crianças já estão descobrindo e compreendendo os diversos sentimentos e emoções. Sendo assim, o presente artigo pretende refletir sobre a afetividade no processo de ensino-aprendizagem de crianças pequenas, a partir de um trabalho eminentemente teórico, que busca fazer o estado da arte, tendo como objetivo geral compreender as contribuições dos estudos sobre a afetividade no processo de ensino-aprendizagem de crianças pequenas para a formação de pedagogos(as); e como os objetivos específicos: 1. Analisar o conceito de afetividade no ambiente escolar; 2. Dialogar sobre a importância da formação docente de crianças pequenas; 3. Conhecer a metodologia de pesquisa do estado da arte. Para tal finalidade, foi realizada uma pesquisa bibliográfica, em bases de dados acadêmico-científicas, com a utilização de palavras-chaves. Nesta aposta, foram convidados para essa discussão teórica: Krueger, 2003, Mello; Rubio (2013), Martins (2021), Felipe (2009), entre outros. Assim, é importante ressaltar que inúmeros foram os achados de pesquisa e conclui-se que o empenho em criar um ambiente afetivo de aprendizagem deve ser de toda comunidade escolar, seja coordenador, diretor, pais e os demais funcionários da instituição. Dessa forma, sugere-se novas pesquisas visando melhorar as práticas docentes, bem como, favorecer a aprendizagem das crianças pequenas.

Palavras-chaves: Afetividade; Educação infantil; Formação Docente.

ABSTRACT

Talking, walking, eating, playing are stages of child development that are much awaited by adults, however, we often forget that before these learnings, children are already discovering and understanding the different feelings and emotions. Therefore, this article intends to reflect on affectivity in the teaching-learning process of young children, based on an eminently theoretical work, which seeks to make the state of the art, with the general objective of understanding the contributions of studies on

affectivity in teaching-learning process of young children for the training of pedagogues; and as the specific objectives: 1. Analyze the concept of affectivity in the school environment; 2. Dialogue on the importance of teacher training for young children; 3. Know the state of the art research methodology. For this purpose, a bibliographic research was carried out in academic-scientific databases, using keywords. In this bet, were invited for this theoretical discussion: Krueger, 2003, Mello; Rubio (2013), Martins (2021), Felipe (2009), among others. Thus, it is important to emphasize that there were numerous research findings and it is concluded that the effort to create an affective learning environment must belong to the entire school community, whether coordinator, principal, parents and other employees of the institution. Thus, further research is suggested to improve teaching practices, as well as favoring the learning of young children.

Keywords: Affection; Child education; Teacher Training.

1 INTRODUÇÃO

Falar, andar, comer, brincar são etapas do desenvolvimento infantil muito aguardadas pelos adultos, no entanto, muitas vezes esquecemos que antes dessas aprendizagens, as crianças já estão descobrindo e compreendendo os diversos sentimentos e emoções. De acordo com o Dicionário Michaelis On-line (2020), a afetividade consiste no conjunto de fenômenos psíquicos que se manifestam sob a forma de emoções, sentimentos e paixões, acompanhados da impressão de dor ou prazer, de satisfação ou insatisfação, de agrado ou desagradado, de tristeza ou alegria.

Na educação, o ensino e a aprendizagem se efetivam através da relação interpessoal entre docente e discente. Quando a afetividade está presente, todo processo de ensino-aprendizagem ganha novos contornos, haja vista as maiores facilidades no desenvolvimento intelectual e cognitivo do sujeito (TURATTI; PESSOLATO; SILVA, 2011).

Ao mencionar a educação infantil, é imprescindível o exercício da educação afetiva, a fim de que a criança se sinta segura e protegida. A escola configura-se como instituição fundamental para a socialização do sujeito. Ela detém o status legitimado historicamente de primeiro agente socializador fora do círculo familiar da criança. Tal fato desnuda a necessidade de um ambiente escolar com harmonia e boa convivência entre o docente e os educandos.

Em ampla perspectiva, a afetividade no processo de ensino-aprendizagem de crianças pequenas, se configura como objeto central deste estudo, que se caracteriza como um trabalho eminentemente teórico, que busca fazer um estado da arte, a partir de pesquisa em bases de dados científicas, percebendo, assim, a relevância acadêmica nesta temática, a ponto de tratá-la como trabalho de conclusão do curso de Licenciatura em Pedagogia definindo como questão norteadora da pesquisa: Quais as contribuições dos estudos sobre a afetividade no processo de ensino-aprendizagem de crianças pequenas para a formação de pedagogos(as)?

A partir deste questionamento, este trabalho tem como objetivo geral: Compreender as contribuições dos estudos sobre a afetividade no processo de ensino-aprendizagem de crianças pequenas para a formação de pedagogos(as). Além disso, foram elencados os objetivos específicos: 1. Analisar o conceito de afetividade no ambiente escolar; 2. Dialogar sobre a importância da formação docente de crianças pequenas; 3. Conhecer a metodologia de pesquisa do estado da arte.

Então, este estudo trata-se de uma pesquisa bibliográfica, com abordagem qualitativa, a qual enfatiza as contribuições da afetividade nos processos de ensino e aprendizagem no âmbito da educação infantil a partir do estado da arte. Entende-se como estado da arte, o status mais atual de um determinado assunto, ou seja, é o ato de mapear e discutir a evolução da pesquisa em uma determinada área da ciência, nesse caso, a influência da afetividade na educação infantil.

Paralelamente, a definição do tema baseou-se em um interesse pessoal em conhecer mais acerca dos fatores que contribuem no processo de desenvolvimento da criança, pois durante o período de estágio, pode-se perceber a afetividade como um desses principais fatores, haja vista que um ambiente acolhedor pode potencializar a aprendizagem dos sujeitos.

Finalmente, o presente artigo justifica-se pela relevância social de instrumentalizar os educadores para a prática de uma docência contextualizada, visando o sucesso nos objetivos educativos, bem como, a formação psicossocial das crianças, posto que há uma necessidade de (re)pensar a educação, com vistas a tornar o ensino-aprendizagem mais fluido e dialógico por meio da afetividade.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 CONCEPÇÕES DE AFETIVIDADE

A afetividade pode ser definida em diferentes perspectivas. Em linguagem geral, o termo afeto relaciona-se com sentimentos de ternura, amor, carinho e simpatia, numa perspectiva pedagógica, a afetividade se refere à capacidade do ser humano de ser afetado positiva ou negativamente tanto por sensações internas como externas, por isso a afetividade exerce um papel importantíssimo no processo de desenvolvimento e construção do conhecimento, além de permear todas as relações (MELLO; RUBIO, 2013). Dessa forma, nos processos de ensino-aprendizagem ela também tem relevância, visto que o estabelecimento de relações interpessoais, como aceitação e apoio, viabiliza os objetivos educativos (KRUEGER, 2003).

Sobretudo, ao se mencionar a Educação Infantil, pode-se ressaltar que as aprendizagens estão intimamente ligadas à vida afetiva. É imprescindível portanto, que a criança sinta-se amada, aceita, acolhida e ouvida para que possa despertar para a vida da curiosidade e do aprendizado (KRUEGER, 2003). Nesse sentido, Freire (apud ARRILLAGA, 2019) defende a necessidade de uma educação amorosa e humanista, com vistas a promover aulas em um clima de harmonia e boa convivência entre educandos e educadores.

Conforme Piaget, o afeto pode potencializar ou dificultar o desenvolvimento das estruturas cognitivas. Em caso de interesse ou necessidade, o afeto acelera o desenvolvimento das estruturas. Contudo, em situação de desinteresse, o desenvolvimento intelectual tende a ser retardado (TURATTI; PESSOLATO; SILVA, 2011).

Quando a criança se sente aceita em um ambiente, ela fala mais, se expressa sem medo de errar, questiona sem temer repreensões, se movimenta e brinca sem medo de cair, pois ela se sente segura. Tais ações, influenciam positivamente para o desenvolvimento dela. Para uma criança agir do modo que foi mencionado, ela precisa sentir-se amada e acolhida. E isso só ocorre no ambiente escolar, quando a afetividade está presente na relação professor-aluno. Quando ocorre ao contrário, a criança tende a se calar, ficar quieta por longos períodos, não faz questionamentos, não participa das atividades interativas, a criança tende a se isolar. Implicando em seu desenvolvimento intelectual, motor e social.

Neste interim, Wallon argumenta que a dimensão afetiva ocupa lugar central, tanto do ponto de vista da construção da pessoa quanto do conhecimento. A afetividade e a inteligência são indissociáveis e, conseqüentemente, é fundamental promover uma relação de complementaridade entre os aspectos afetivos e cognitivos, a fim de que a aprendizagem ocorra de fato (TURATTI; PESSOLATO; SILVA, 2011; TASSONI; LEITE, 2013).

A afetividade impulsiona o desenvolvimento cognitivo, como foi mencionado, um ambiente afetivo produz segurança para as crianças pequenas, resultando na participação das mesmas nas atividades desenvolvidas na escola, o que estimula o desenvolvimento da cognição. Sob essa ótica, é essencial que o docente promova atividades que estes aspectos estejam associados.

Ainda sob a perspectiva walloniana, a afetividade tem um papel predominante no desenvolvimento da pessoa. Através dela, os alunos podem exprimir seus desejos, bem como, suas vontades (AMORIM; NAVARRO, 2012). Por isso, o educador deve conhecer a criança:

[...] mas deve conhecê-la não apenas na sua estrutura biofisiológica e psicossocial, mas também na sua interioridade afetiva, na sua necessidade de criança que chora, ri, dorme, sofre e busca constantemente compreender o mundo que a cerca, bem como o que ela faz ali na escola (SALTINI, 2002, p. 70).

Dessa forma, a afetividade sobreleva-se como uma dinâmica complexa, a qual acontece a partir do momento em que o sujeito se liga a outro pelo amor, constituindo assim um amplo espectro de sentimentos. No caso específico da educação infantil, esse processo começa com a família e depois passa para a escola. O Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil (RCNEI) apresenta essa concepção ao afirmar que “o diálogo afetivo que se estabelece com o adulto, caracterizado pelo toque corporal, pelas modulações da voz, por expressões cada vez mais cheias de sentido, constitui-se em espaço privilegiado de aprendizagem” (BRASIL, 1998 b, p. 21).

Sob essa perspectiva, a Base Nacional Curricular Comum (BNCC), estabelece dez competências gerais que operam como um “fio condutor”. Tais competências são atribuições a serem desenvolvidas ao longo de todos os anos da educação básica, tendo como objetivo a formação humana integral. Dentre as dez, as três últimas destacam o desenvolvimento sócio emocional, são elas:

8. Conhecer-se, apreciar-se e cuidar de sua saúde física e emocional, compreendendo-se na diversidade humana e reconhecendo suas emoções e as dos outros, com autocrítica e capacidade para lidar com elas.

9. Exercitar a empatia, o diálogo, a resolução de conflitos e a cooperação, fazendo-se respeitar e promovendo o respeito ao outro e aos direitos humanos, com acolhimento e valorização da diversidade de indivíduos e de grupos sociais, seus saberes, identidades, culturas e potencialidades, sem preconceitos de qualquer natureza.

10. Agir pessoal e coletivamente com autonomia, responsabilidade, flexibilidade, resiliência e determinação, tomando decisões com base em princípios éticos, democráticos, inclusivos, sustentáveis e solidários (BRASIL, 2017, p. 10)

Sendo assim, fica evidente a importância da afetividade nos processos educacionais, visto que o desenvolvimento socioemocional possibilita ao educando a compreender as suas emoções, bem como lidar com elas.

2.2 CONSIDERAÇÕES SOBRE A EDUCAÇÃO INFANTIL

Conforme Faria (2002), na virada dos séculos XVIII para o XIX as crianças passaram a ser percebidas como seres sociais dotados de particularidades e com necessidades próprias. Desde então, iniciou-se um longo movimento histórico, o qual viabilizou significativas mudanças concernentes à educação infantil. Apesar de tais avanços, ainda existem representações genéricas e preconcebidas, as quais não refletem a realidade. É necessário perceber a criança como sujeito, entendê-la a partir do seu próprio ponto de vista. A criança é uma pessoa que tem “vez” e tem “voz” (NIEHUES; COSTA, 2012).

Nesse sentido, a Educação Infantil deve olhar para essa criança de forma integral, a fim de promover seu desenvolvimento intelectual e psicossocial. Não obstante, conforme discutido por Campos e Barbora (2015), a Educação Infantil, no Brasil, passou por diversas fases. *A priori*, educar as crianças não era o objetivo principal. As escolas/creches eram destinadas aos filhos de mães recém absorvidas pelo mercado de trabalho, as quais não tinham com quem deixá-los.

As discussões em prol do direito de educação às crianças pequenas foram imprescindíveis para efetivação dos direitos da criança. A Constituição Federal de 1988 foi a primeira conquista em âmbito legal, a qual passou a considerar a criança como cidadã, sujeito de direitos e de deveres. Posteriormente, outros documentos

legais surgiram para regulamentar a educação infantil, a saber: o Estatuto da Criança e do Adolescente (1990), a Lei de Diretrizes e Bases da educação Nacional (Lei de nº 9.394/1996), o Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil (1998) e, presentemente, a Base Nacional Comum Curricular para a Educação Básica.

A Constituição Cidadã protagonizou uma grande abertura para novas discussões e busca pela efetivação dos direitos da criança, especialmente referentes à Educação Infantil. No artigo 208, inciso IV, o legislador constituinte de 1988 explicita que “o dever do Estado com a educação será efetivado mediante a garantia de educação infantil, em creche e pré-escola, às crianças até 5 (cinco) anos de idade” (BRASIL, 2020, p. 123-124).

Além disso, a Constituição através do artigo 227, assevera que:

É dever da família, da sociedade e do Estado assegurar à criança, ao adolescente e ao jovem, com absoluta prioridade, o direito à vida, à saúde, à alimentação, à educação, ao lazer, à profissionalização, à cultura, à dignidade, ao respeito, à liberdade e à convivência familiar e comunitária, além de colocá-los a salvo de toda forma de negligência, discriminação, exploração, violência, crueldade e opressão (BRASIL, 2020, p. 132).

Tendo em vista a concretização do artigo supracitado, surge o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) em 13 de julho de 1990, como principal instrumento normativo do Brasil, cuja finalidade é instruir o caminho para assegurar os direitos da criança e do adolescente.

A respeito do direito à educação, vários artigos reiteram o direito da criança à educação. O artigo 53, por exemplo, explicita que “A criança e o adolescente têm direito à educação, visando ao pleno desenvolvimento de sua pessoa, preparo para o exercício da cidadania e qualificação para o trabalho” (BRASIL, 2017, p. 34).

Reafirmando tais mudanças, a partir de 1996, com o advento da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (Lei n. 9394), a Educação Infantil passou a fazer parte do Sistema de Ensino Brasileiro, sendo considerada o primeiro segmento da Educação Básica. Conforme o artigo 29 da Lei de Diretrizes e Bases da Educação (Lei nº 9394/96):

A educação infantil, primeira etapa da educação básica, tem como finalidade o desenvolvimento integral da criança de até 5 (cinco) anos, em seus aspectos físico, psicológico, intelectual e social, complementando a ação da família e da comunidade.

A leitura do dispositivo supracitado deixa claro os aspectos que devem estar presentes no plano de ensino do educador. A sala de aula deve ser um espaço acolhedor e afetuoso que possibilite a máxima interação entre educador e educando. A criança deve se sentir confortável para perguntar, opinar e participar ativamente das atividades educativas.

Para atender as determinações expostas na LDB supracitada, o Ministério da Educação elaborou, em 1998, o Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil (RCNEI). Tal documento trata-se de um conjunto de referências e orientações pedagógicas, cuja função é contribuir com as políticas públicas da educação infantil, através da socialização de informações, discussões e pesquisas (BRASIL, 1998).

Sob estas mesmas perspectivas, foi criada a BNCC, para normatizar e nortear o currículo das escolas, tendo em vista direcionar o profissional da educação aos aprendizados essenciais a serem trabalhados em todas as escolas brasileiras. A base estabelece habilidades, competências e conhecimentos que se espera que o sujeito desenvolva ao longo do ciclo da educação básica, para assim, garantir o direito à aprendizagem e o desenvolvimento pleno do sujeito de forma igualitária. No que tange a educação infantil, a base destaca as interações e brincadeiras como experiências nas quais as crianças podem construir e apropriar-se do conhecimento, estruturadas pelos campos de experiência, objetivos e direitos da aprendizagem, ambos visando o pleno desenvolvimento da criança. Reina, Mauricio e Cesar (2018, p. 60) reforçam que:

[...] a educação infantil é formada por três agentes além das crianças, representados pela família, escola e corpo docente. Essas participações são centrais para que a criança tenha subsídio para progredir em sua vida, cada um tem uma função que fornece à criança parâmetros para conhecer a si próprio, ao mundo e se relacionar com ele.

Assim, é imprescindível compreender que tal processo não é atribuído exclusivamente ao professor. Logo, a ação conjunta da família, escola e todo corpo docente, bem como a sociedade é de suma importância para o desenvolvimento integral da criança. Dessa forma, fica evidente que a Educação Infantil deve estimular a autonomia da criança, o desenvolvimento afetivo, intelectual e motor.

2.3 DESENVOLVIMENTO INFANTIL NA PERSPECTIVA DA TEORIA SÓCIO INTERACIONISTA

O Homem é um ser social. Segundo a psicologia sócio-histórica¹, ele se constitui como Homem a partir das interações sociais. Desde o nascimento, dependemos socialmente do outro, para nos oferecer dados sobre o mundo, os quais oportunizam a construção da nossa visão pessoal sobre o mesmo (MARTINS, 1997).

A afetividade, por sua vez, é de grande valia para a ocorrência das interações humanas. Contudo, deve-se destacar que no desenvolvimento infantil esta possui um papel ainda mais importante, pois a criança utiliza-se da afetividade para se relacionar com o mundo (PINHEIRO, 2017).

Presentemente, muitos educadores insistem na ideia de fragmentar a criança em duas partes: a cognitiva e a afetiva. Tal concepção é equivocada pois embora a cognição exerça um papel imprescindível no desenvolvimento infantil, sem os aspectos afetivos esta seria incompleta (OLIVEIRA, 2016).

Nessa perspectiva, é interessante considerar os pressupostos de Piaget, Vygotsky e Wallon, em especial, no que tange a teoria sociointeracionista. O quadro abaixo sumariza as principais considerações dos constructos dos referidos teóricos.

QUADRO 1. Principais considerações sobre os constructos teóricos de Piaget, Vygotsky e Wallon

¹ A Psicologia Sócio-histórica (que toma por fundamento a Psicologia Histórico-Cultural de Vigotski) apresenta-se desde seus primórdios como uma possibilidade para superação das visões dicotômicas entre o natural e o social. Tal Psicologia ganhou contornos ao incorporar em seus fundamentos o marxismo e adotar o materialismo histórico e dialético como filosofia, teoria e método. Dessa forma, concebe-se o homem como ativo, social e histórico (BOCK; GONÇALVES; FURTADO, 2007).

QUADRO COMPARATIVO			
Autor	PIAGET	VYGOTSKY	WALLON
Foco de estudo	Construção do conhecimento	Interação social	Afetividade
Principais conceitos	Fases do Desenvolvimento cognitivo: 1. Sensório Motora (0-2anos); 2. Pré-Operacional (2-7 anos); 3. Operatória Concreta (7-11 anos); 4. Operatória Formal (12 anos em diante).	Zona de Desenvolvimento Proximal (ZDP). Trata-se da distância entre o que a criança já sabe fazer de modo independente (Zona de Desenvolvimento Real) e o que a criança consegue fazer com auxílio de outra pessoa (Zona de Desenvolvimento Potencial).	De modo semelhante a Piaget, classificou o desenvolvimento humano em estágios. 1. Impulsivo-emocional; 2. Sensório-motor e projetivo; 3. personalista; 4. Categorical e 5. Puberdade ou adolescência.
Papel do professor	Agir como mediador criando situações para desequilibrar os esquemas mentais dos alunos a partir de seus conhecimentos prévios.	Agir como mediador intervindo na ZDP dos alunos.	Considerar o aluno em sua totalidade. Visar não apenas o desenvolvimento intelectual, mas sobretudo, o desenvolvimento da pessoa.
Perfil do aluno	Participante do processo de construção do conhecimento, co-autor, ativo e questionador		

Fonte: Adaptado pela autora com base em PINHEIRO, 2017.

Por meio das teorias sociointeracionistas, compreende-se que o desenvolvimento do sujeito está significativamente associado com as interações sociais. Sob essa perspectiva, é indispensável considerar que:

Piaget, Vygostky e Wallon tentaram mostrar que a capacidade de conhecer e aprender se constrói a partir das trocas estabelecidas entre o sujeito e o meio. As teorias sociointeracionistas concebem, portanto, o desenvolvimento infantil, como um processo dinâmico, pois as crianças não são passivas, meras receptoras das informações que estão à sua volta (FELIPE, 2009, p. 27).

Como foi supracitado, observa-se que através dessa troca o sujeito desenvolve a capacidade afetiva, a sensibilidade, a curiosidade, o pensamento e a linguagem. Estes que influenciam no processo de aprendizagem (FELIPE, 2009).

Desse modo, as crianças se desenvolvem através do contato com o seu próprio corpo, na interação com o ambiente, como também no contato com outras crianças, adultos, objetos e tudo ao seu redor. É importante destacar que tal processo de desenvolvimento se constrói nas trocas entre o sujeito e o meio, ou seja, a criança

não é passiva, ela interfere no meio à sua volta e possui papel fundamental em seu processo de desenvolvimento.

3 PERCURSO METODOLÓGICO

O método científico é imprescindível para legitimar as pesquisas, bem como seus resultados. Conforme Oliveira (2011), o método científico consiste em um conjunto de procedimentos de cunho intelectual e técnico, os quais permitem a legitimar o conhecimento adquirido.

Este estudo trata-se de uma pesquisa teórica, do tipo bibliográfica, com abordagem qualitativa, a qual visa enfatizar as contribuições dos estudos sobre a afetividade nos processos de ensino e aprendizagem no âmbito da educação infantil para a formação de pedagogos(as). Concernente à pesquisa bibliográfica, Lakatos e Marconi (2003) afirma que tal procedimento propicia o exame do tema sob novo prisma ou abordagem, resultando em conclusões inovadoras.

A abordagem qualitativa, por sua vez, propicia o aprofundamento da investigação das questões relacionadas ao fenômeno em estudo, bem como, suas relações. Além disso, tal abordagem dá vazão à percepção da individualidade e os significados múltiplos (GIL, 1999).

Para alcançar os objetivos propostos e responder a pergunta de pesquisa utilizou-se o Estado da Arte. Entende-se como estado da arte o status mais atual de um determinado assunto, ou seja, é o ato de mapear e discutir a evolução da pesquisa em uma determinada área da ciência, nesse caso, a influência da afetividade na educação infantil.

O levantamento bibliográfico foi realizado por meio da internet, através de consulta em bases de dados como: Portal Capes, *Scientific Electronic Library Online* (SciELO), Portal de Busca Integrada (PBI) e revistas online. Outrossim, foram utilizados os seguintes descritores: Afetividade, Educação Infantil, Formação do Professor.

Os critérios de inclusão definidos para a seleção dos artigos foram: artigos publicados no período compreendido entre os anos de 2016 a 2021; redigidos no idioma português; disponíveis na íntegra nas bases de dados consultadas; que tratam

sobre a temática em questão. Finalmente, foram excluídas as publicações que não correspondem aos critérios de inclusão supracitados.

3.1 ANÁLISE DOS DADOS

Por meio das buscas realizadas através de combinações das palavras-chaves nos bancos de dados, foram identificados 202 artigos expressos no quadro 2 conforme encontrado em cada banco de dados.

QUADRO 2. Combinações das palavras-chaves e resultados dos bancos de dados

COMBINAÇÕES \ BASES	SciELO	CAPES	Pbi
AFETIVIDADE / EDUCAÇÃO INFANTIL	4	55	28
AFETIVIDADE / FORMAÇÃO DO PROFESSOR	1	74	16
AFETIVIDADE / EDUCAÇÃO INFANTIL / FORMAÇÃO DO PROFESSOR	0	21	3
TOTAL PARCIAL POR BASE	5	150	47
TOTAL DE ARTIDOS ENCONTRADOS	202		

Fonte: Elaborado pela autora, 2021.

A amostra final foi constituída por cinco artigos científicos, os quais foram selecionados a partir dos critérios de inclusão previamente estabelecidos e, sobretudo, a relevância das informações concernentes à temática em questão. Destes, um foi encontrado na base de dados SciELO, dois no Portal CAPES e dois no PBI. O quadro 3 sumariza as especificações de cada artigo.

QUADRO 3. Especificações dos artigos encontrados nas bases de dados

Título do Artigo	Autoria/ano	Objetivo	Principais achados
“Por que aprender a ler?”: afeto e cognição na Educação Infantil	Dominici, Gomes e Neves (2018)	O presente artigo tem como objetivo analisar os sentidos e os significados atribuídos à linguagem escrita na trajetória de duas	A análise dessas trajetórias permitiu argumentar que os processos de apropriação da linguagem escrita envolvem aspectos cognitivos e afetivos, interação com artefatos culturais e vivências socioculturais.

		crianças de 5 anos em uma turma de Educação Infantil.	
A IMPORTÂNCIA DA AFETIVIDADE NAS RELAÇÕES PEDAGÓGICAS DA EDUCAÇÃO INFANTIL	Alexandre (2016)	Esta pesquisa teve por objetivo compreender a importância da afetividade na relação professor/aluno.	A pesquisa revelou que afetividade é uma vinculação necessária a prática pedagógica dos professores imprimindo mediações para aprendizagem das crianças.
A AFETIVIDADE NOS DOCUMENTOS OFICIAIS DA EDUCAÇÃO INFANTIL: UMA QUESTÃO A SER EXPLORADA	Amorim e Calil (2020)	Teve como objetivo apresentar e aclarar tais documentos, convidando oito professores de uma escola de Educação Infantil à reflexão sobre a dimensão afetiva abordada nas leis que regem e direcionam essa etapa da escolarização.	Os resultados revelaram que os professores de Educação Infantil não apresentam grande interesse pelas leis que regem a primeira infância, todavia relatam que não existem muitas oportunidades, dentro do ambiente escolar, para que esses documentos sejam compartilhados em formações.
Educadora: histórias, experiências e partilhas de aprendizagem e afetividade na escola	Batista, Nunes Junior e Prodócimo (2018)	O presente estudo tem por objetivo analisar a proposta do Educadora, projeto criado para atuar no desenvolvimento afetivo da criança que se utiliza de diversas ferramentas (canções, rodas de conversa, jogos cooperativos, posturas de yoga e contação de histórias) a ser realizado no contexto escolar.	Os resultados mostraram que, somadas à participação do professor, as dinâmicas da proposta influenciaram na afetividade infantil e promoveram uma melhora no cotidiano da sala de aula.
O PAPEL DO PROFESSOR DIANTE DA AFETIVIDADE	Elisiário e Souza (2016)	Este trabalho tem como objetivo principal chamar a atenção daqueles que têm em suas mãos a responsabilidade social da Educação, para o fato de que precisamos rever nossas posturas diante da fase inicial da vida escolar.	O docente deve se comprometer com o processo ensino-aprendizagem possibilitando à criança, através de sua mediação e afetividade, desenvolver sua singularidade, conhecer a si mesma e ao mundo a seu redor, de uma maneira autônoma, crítica e consciente.

Fonte: Elaborado pela autora, 2021.

Estudar a afetividade no contexto educacional, torna-se imensamente importante nos dias atuais, haja vista os objetivos educacionais que a sociedade tem almejado alcançar, bem como, o respeito e a tolerância às diferenças. Sendo assim, ao planejar o que será ensinado nas escolas, não se pode pensar na criança de modo fragmentado, mas em todas as suas especificidades, a saber as esferas afetiva, cognitiva e motora. Ao refletirem sobre os estudos de Henri Wallon, Amorim e Calil (2020, p. 99) afirmam que:

[...] as dimensões motoras, afetivas e cognitivas, embora tenham aspectos estruturalmente e funcionalmente diferenciados, estão interligadas de forma constitutiva. Isso demonstra que qualquer atividade humana interfere em todas as outras, qualquer atividade motora tem consequências afetivas e cognitivas, toda disposição afetiva tem ressonâncias motoras e cognitivas, e toda disposição mental tem consequências motoras e afetivas.

Sob essa perspectiva, entende-se como essencial um ambiente escolar que favoreça um desenvolvimento integral da criança, especialmente nos primeiros anos, pois é o período que marca os primeiros contatos com pessoas fora do contexto familiar. Conforme Wallon (1945/1976 apud DOMINICI; GOMES; NEVES, 2018), entre os 4 e 5 anos as crianças estão em pleno desenvolvimento. Não à toa, então, vários questionamentos aparecem nesse intervalo, os quais são derivados de vivências e curiosidades acerca do mundo que as cercam.

Tal perspectiva também foi evidenciada no estudo realizado por Alexandre (2016), o qual destaca que “o caminho para o aprendizado do aluno ocorre com maior eficácia quando ele se encontra num ambiente afetivo” (ALEXANDRE, 2016, p. 487). Tendo em vista o que foi supracitado, o ambiente escolar deve promover atividades que favoreçam o desenvolvimento afetivo, haja vista que a formação de relações emocionais possibilita que a criança sinta-se segura para a construção de novos conhecimentos.

Além disso, a autora salienta que o trabalho pedagógico não pode se dissociar da afetividade, a qual é inerente às relações humanas e os sentidos produzidos sobre o mundo e a vida. A relação professor-aluno, portanto, é imprescindível para que haja melhor aprendizagem. Tal relação deve ser marcada pelo carinho e interações, visando uma aproximação.

Por sua vez, a afetividade é importante para a criação (e manutenção) dessas interações, tendo em vista que para a criança interagir com o meio, ela precisa se sentir aceita, acolhida e amada. Dessa forma, a criança sente-se segura para

perguntar sem medo de repreensões, como também para explorar o ambiente sem medo de errar.

Obviamente, a afetividade não garante a aprendizagem, mas a facilita. Isto posto, a afetividade está prevista em lei e vem ganhando cada vez mais notoriedade ao longo do tempo (AMORIM; CALIL, 2020). Presentemente, a BNCC reconhece que a educação tem um compromisso com a formação e o desenvolvimento humano global, em suas dimensões intelectual, física, afetiva, social, ética, moral e simbólica (BRASIL, 2017).

Outrossim, segundo Wallon (1968 apud AMORIM; CALIL, 2020) as influências afetivas exercem ação precípua na evolução mental da criança. Por isso, a afetividade precisa repertoriar a prática educativa dos professores da Educação Infantil. Sobre a educação de crianças pequenas, Amorim e Calil (2020, p. 100) destacam que:

[...] de 0 a 3 anos, nos quais, uma articulação de políticas sociais lideradas pela educação integrem o desenvolvimento individual, social e cultural da criança. É necessário que se torne um ambiente no qual as formas de expressão, dentre elas a linguagem verbal e corporal, ocupem lugar privilegiado, num contexto de jogos e brincadeiras, onde famílias e as equipes das creches convivam intensa e construtivamente, cuidando e educando.

Assim, nota-se a necessidade de uma formação docente no que tange a dimensão afetiva das crianças. As reflexões de Wallon, bem como, os documentos que versam sobre a afetividade devem servir de bojo para (re)pensar a educação infantil. A escola é um lugar onde pessoas inteiras interagem com pessoas inteiras e, por conseguinte, é preciso falar de afetividade tanto das crianças como dos adultos.

Conforme Elisiário e Souza destacaram em sua pesquisa:

Com relação a este tema, estudos sociogenéticos e antropológicos comprovam que, desde os primórdios, a expressão das emoções foi de fundamental importância para a evolução do ser humano enquanto ser social (ELISIÁRIO; SOUZA, 2016, p. 585).

Compreendemos que as diversas manifestações das emoções influenciam diretamente no desenvolvimento humano. Consequentemente, no contexto escolar, a afetividade não deve existir somente no trato entre aluno e professor, como também em toda relação existente no ambiente escolar. Para isto, esta temática precisa ser abordada pelos agentes da educação em sua formação.

Conforme Batista, Nunes Junior e Prodócimo (2018) relatam em seu estudo, a rotina escolar é marcada por diversas demandas concernentes aos conteúdos e, por

consequente, privilegia o desenvolvimento de capacidades cognitivas em detrimento das capacidades afetivas. Em contraste, a BNCC preconiza uma formação e desenvolvimento humano global, o qual implica compreender a complexidade e a não linearidade desse desenvolvimento, rompendo com visões reducionistas que privilegiam ou a dimensão intelectual (cognitiva) ou a dimensão afetiva” (BRASIL, 2018, p. 14).

Outrossim, os autores também ressaltam a importância de alinhar as dimensões cognitiva e afetiva visando a oferta de um ensino mais amplo e humanizado. De forma similar, a BNCC reafirma a necessidade de se assumir uma perspectiva plural, singular e integral da criança. Para que isso se efetive, a mesma diz que “a primeira tarefa de responsabilidade direta da União será a revisão da formação inicial e continuada dos professores para alinhá-las à BNCC” (BRASIL, 2018, p. 21).

Dessa forma, compreende-se a necessidade da formação continuada de todos os envolvidos no processo educacional, a fim de se atualizarem acerca das novas teorias e documentos que regem a educação, sabendo que ambos visam melhorias para os estudantes, bem como, os profissionais envolvidos. Em especial, a docência voltada das crianças pequenas deve ser alvo desse processo, pois além dos conhecimentos científicos, esta área demanda saberes pedagógicos, os quais favorecem um olhar sensível, reflexivo e acolhedor.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao nascer, a criança já expressa sentimentos, dores e/ou vontades. Para isso, utiliza-se do choro - expressão mais primitiva de afetividade - para interagir com o meio. Dessa forma, é flagrante que a afetividade tem uma função fundante no desenvolvimento infantil como um todo, incluindo o processo de escolarização.

Sendo assim, pode-se afirmar que os objetivos propostos por este estudo foram alcançados e esta pesquisa amplia os conhecimentos concernentes à relevância da afetividade no processo de ensino-aprendizagem das crianças pequenas. Os resultados revelaram quão grande é a importância da afetividade na vida das crianças. As relações educador-educando, quando baseadas na afetividade, podem proporcionar benefícios que vão além da aprendizagem e da vida escolar da criança.

Além disso, é importante ressaltar que a ocorrência de relações afetivas no ambiente escolar não depende exclusivamente dos professores. O empenho em criar um “ambiente afetivo” deve ser de toda comunidade escolar, seja coordenador, diretor, pais e os demais funcionários da instituição.

Observou-se também a necessidade de formação continuada com vistas a melhoria da relação docente-discente. Ações amplas, como políticas públicas e ações internas de valorização da afetividade devem ser realizadas.

Finalmente, nos levantamentos de dados, observamos que a presença da afetividade na relação professor-aluno se destaca, como temática, entre as publicações do campo da educação, nos bancos de dados acadêmicos. Todavia, há poucas pesquisas voltadas para o estudo sobre a afetividade nas demais relações que existem no ambiente escolar. Assim, sugere-se novas pesquisas visando melhorar as práticas docentes, bem como, favorecer a aprendizagem das crianças pequenas.

REFERÊNCIAS

AFETIVIDADE. In.: Michaelis On-line, Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa. Editora Melhoramentos, 2020. Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/busca?r=0&f=0&t=0&palavra=afetividade>. Acesso em: 16 nov. 2020.

ALEXANDRE, Leandra Tonsach. A IMPORTÂNCIA DA AFETIVIDADE NAS RELAÇÕES PEDAGÓGICAS DA EDUCAÇÃO INFANTIL. **Revista Even. Pedagóg.**, Sinop, v. 7, n. 2, p. 486-497, jun./jul. 2016. Disponível em: <http://sinop.unemat.br/projetos/revista/index.php/eventos/article/download/2232/1746>. Acesso em: 28 maio 2021.

ALEXANDRE, Leandra Tonsach. A IMPORTÂNCIA DA AFETIVIDADE NAS RELAÇÕES PEDAGÓGICAS DA EDUCAÇÃO INFANTIL. Mato Grosso. **Universidade Estado de Mato Grosso**, Sinop/MT - 2016. Disponível em: <http://sinop.unemat.br/projetos/revista/index.php/eventos/article/view/2232/1746>

AMORIM, Gabriela de Castro Loech; CALIL, Ana Maria Gimenes Corrêa. A AFETIVIDADE NOS DOCUMENTOS OFICIAIS DA EDUCAÇÃO INFANTIL: uma questão a ser explorada. **Revista Devir Educação**, [s. l], v. 4, n. 1, p. 93-115, jan./jun. 2020. Disponível em: <http://devireducacao.ded.ufla.br/index.php/DEVIR/article/view/202/112>. Acesso em: 28 maio 2021.

AMORIM, Márcia Camila Souza de; NAVARRO, Elaine Cristina. AFETIVIDADE NA EDUCAÇÃO INFANTIL. **Interdisciplinar: Revista Eletrônica da Univar**, [s. l], n. 7, p. 1-7, 2012. Disponível em: <https://docplayer.com.br/38951640-Afetividade-na-educacao-infantil.html>. Acesso em: 11 maio 2021.

ARRILLAGA, César Enrique López. Practica Educativa en la Educación Primaria desde la Perspectiva de la Pedagogía del Amor. **Revista Cientific**, [S.L.], v. 4, n. 11, p. 280-294, 5 fev. 2019. Disponível em: http://www.indteca.com/ojs/index.php/Revista_Scientific/article/view/308/425. Acesso em: 04 nov. 2020.

BATISTA, Janir Coutinho; NUNES JUNIOR, Paulo Cezar; PRODÓCIMO, Elaine. Educadora: histórias, experiências e partilhas de aprendizagem e afetividade na escola. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, [s. l], v. 32, n. 2, p. 233-242, 20 dez. 2018. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/rbefe/article/view/166794/159413>. Acesso em: 28 maio 2021.

BOCK, Ana Mercês Bahia; GONÇALVES, Maria da Graça Marchina; FURTADO, Odair (org.). **Psicologia sócio-histórica: uma perspectiva crítica em psicologia**. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2007.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil**. 56. ed. Brasília: Câmara dos Deputados, Edições Câmara, 2020. Texto constitucional promulgado em 5 de outubro de 1988, com as alterações adotadas pelas Emendas constitucionais nos

1/1992 a 108/2020, pelo Decreto legislativo nº 186/2008 e pelas Emendas constitucionais de revisão nos 1 a 6/1994. Disponível em: https://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/518231/CF88_Livro_EC91_2016.pdf. Acesso em: 04 mai. 2021.

BRASIL. **Estatuto da criança e do adolescente (Lei nº 8.069/1990)**. Brasília: Senado Federal, Coordenação de Edições Técnicas, 2017. Disponível em: https://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/534718/eca_1ed.pdf. Acesso em: 04 mai. 2021.

BRASIL. **Referencial curricular nacional para a educação infantil: volume 1**. Brasília: Ministério da Educação e do Desporto, Secretaria de Educação Fundamental, 1998 a. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/rcnei_vol1.pdf. Acesso em: 6 maio 2021.

BRASIL. **Referencial curricular nacional para a educação infantil: volume 3**. Brasília: Ministério da Educação e do Desporto, Secretaria de Educação Fundamental, 1998 b. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/volume3.pdf>. Acesso em: 11 maio 2021.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, 2017. Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal_sit e.pdf. Acesso em: 24 maio 2021.

DOMINICI, Isabela Costa; GOMES, Maria de Fátima Cardoso; NEVES, Vanessa Ferraz Almeida. “Por que aprender a ler?”: afeto e cognição na educação infantil. **Pro-Posições**, [S.L.], v. 29, n. 3, p. 15-40, set. 2018. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pp/a/8z3cfHmdHQCcF7L4k7HzCGk/?lang=pt&format=pdf>. Acesso em: 28 maio 2021.

ELISIÁRIO, Rachel Moreira Ramos; SOUZA, Gleicione Aparecida Dias Bagne de. O PAPEL DO PROFESSOR DIANTE DA AFETIVIDADE. **Revista da Universidade Vale do Rio Verde**, Três Corações, v. 14, n. 1, p. 579-591, jan./jul. 2016. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/descarga/articulo/5435427.pdf>. Acesso em: 28 maio 2021.

FELIPE, Jane. O Desenvolvimento Infantil na Perspectiva Sociointeracionista: Piaget, Vygotsky, Wallon. In: CRAIDY, Carmem Maria; KAERCHER, Gládis E.. **Educação Infantil: pra que te quero?**. Porto Alegre: Artmed Editora, 2009.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 5.ed. São Paulo: Atlas, 1999.

KRUEGER, Magrit Froehlich. A RELEVÂNCIA DA AFETIVIDADE NA EDUCAÇÃO INFANTIL. **Instituto Catarinense de Pós-Graduação**, [s. l.], p. 1-10, 2003. Disponível em: http://nuted.ufrgs.br/oa/pi/html/afetiv_edinf.pdf. Acesso em: 04 ago. 2020.

LAKATOS, Eva Maria. MARCONI, Marina de Andrade. **Fundamentos de metodologia científica**. 5 ed. São Paulo: Atlas, 2003.

MARTINS, João Carlos. **Vygotsky e o papel das interações sociais na sala de aula: reconhecer e desvendar o mundo**. São Paulo: FDE, 1997. p. 111-122. (Série Idéias n. 28). Disponível em: https://togyn.tripod.com/o_papel_das_interacoes_na_sala.pdf. Acesso em: 10 mai. 2021.

MELLO, Tágides; RUBIO, Juliana de Alcântara Silveira. A Importância da Afetividade na Relação Professor/Aluno no Processo de Ensino/Aprendizagem na Educação Infantil. **Revista Eletrônica Saberes da Educação**, [s. l], v. 4, n. 1, p. 1-11, 2013. Disponível em: <http://docs.uninove.br/arte/fac/publicacoes/pdf/v4-n1-2013/Tagides.pdf>. Acesso em: 11 maio 2021.

OLIVEIRA, Maxwell Ferreira de. **METODOLOGIA CIENTÍFICA: um manual para a realização de pesquisas em administração**. Catalão: UFG, 2011. Disponível em: https://files.cercomp.ufg.br/weby/up/567/o/Manual_de_metodologia_cientifica_-_Prof_Maxwell.pdf. Acesso em: 16 nov. 2020.

PINHEIRO, Joana Vidal. **AFETIVIDADE NA EDUCAÇÃO INFANTIL: uma possibilidade para a formação integral da criança**. Fortaleza: Universidade Federal do Ceará, 2017. 64 f.

REINA, Fábio Tadeu.; MAURICIO, Luiz Henrique. CESAR, Lígia Moreira. Prática docente: a utilização da afetividade na educação infantil. **Temas em Educação e Saúde**, Araraquara, v.14, n.1, p. 55-61, jan./jun., 2018. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/tes/article/view/10728/7407>. Acesso em: 04 mai. 2021.

SALTINI, Cláudio J. P. **Afetividade e inteligência: a emoção na educação**. 4 ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

TASSONI, Elvira Cristina Martins; LEITE, Sérgio Antônio da Silva. Afetividade no processo de ensino-aprendizagem: as contribuições da teoria walloniana. **Educação**, Porto Alegre, v. 36, ed. 2, p. 262-271, 2013. Disponível em: <http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/faced/article/viewFile/9584/9457>. Acesso em: 21 ago. 2020.

TURATTI, Maria Sueli; PESSOLATO, Alícia Greyce Turatti; SILVA, Marília Marinho. A IMPORTÂNCIA DA AFETIVIDADE NA EDUCAÇÃO DA CRIANÇA. **Revista da Universidade Vale do Rio Verde**, Três Corações, v. 9, ed. 2, p. 129-142, 2011. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/descarga/articulo/4003609.pdf>. Acesso em: 21 ago. 2020.